

ANTONIO CARLOS MALHEIROS,

SEMPRE

Homenagem (II) | Testemunho

A tristeza, quando forte em pêsame, abisma a existência onde a esperança sempre repousa respiro. Somente o silêncio, como um poema comovido e ágrafo, alcança a dimensão do sem-fundo.

Quando a despedida é de amigos -- sempre inconfundíveis, sempre incomparáveis --, o coração faz as honras da infinitude e da memória. Ele vela (e revive) seus entes queridos na lembrança eterna.

Convocados pela tristeza, a democracia, os Direitos Humanos e a liberdade -- e também a diplomacia, a elegância espiritual e a decência -- entraram em luto no país: Antonio Carlos Malheiros, gigante da solidariedade, deixou de contar estórias para as crianças doentes.

Espírito republicano que a vida esculpiu como sorriso e abraço ternos, Malheiros, o professor que a carreira fez contagiante na acolhida, o jurista que -- a lei não previu -- se tornou o espelho da justiça ideal, o diplomata que as Universidades não precisaram formar, foi e sempre será um exemplo de humildade autêntica como exercício de poder fraterno, este eco político de uma igualdade rara, em prol de grandes causas, sempre urgentes -- e a primeira é a da *philia*, a amizade verdadeira. Malheiros foi seu mestre. Sensibilidade aguda -- aquela, por vezes, de pranto contido --, ensinava a *philia* todos os dias, onde quer que estivesse.

Jamais esquecerei que, na alma delicada deste saudoso amigo -- esteta do afeto na linguagem (a do gesto e a do olhar, como a da palavra livre) --, a compaixão sempre militava em prol de um mundo mais humano, a começar pelo essencial, a experiência aqui e agora.

Por dever também de alma, triste até onde jamais alcanço, registrei, nos céus -- na atenta audição do sempre --, uma homenagem àquele que foi e continuará sendo uma escola de vida, elogio que agora expresso evocando a linguagem dos que sempre anseiam por justiça: nosso querido Malheiros, presente.

Eugênio Trivinho

São Paulo, 18/03/2021